

Esta edição traz para os nossos dias o poema épico de Luís de Camões, *Os Lusíadas*, através de um diálogo entre literatura e artes visuais que é declinado no feminino. As ilustrações e o desenho gráfico devem-se a onze artistas contemporâneas, ao que se junta a edição do texto, num diálogo entre ver e dar a ler, entre ler e dar a ver.

A interação de literatura e artes visuais oferece possibilidades extraordinariamente fecundas e sempre em aberto. No caso de *Os Lusíadas*, o fascínio pela coalescência entre esses dois âmbitos tem raízes remotas no tempo. Não será por acaso que as grandes obras literárias são geralmente as que mais fascinam artistas de diversos campos, e o poema de Camões não é exceção. Contudo, *Os Lusíadas* vão muito para além de uma convivência que acrescenta à palavra a imagem. O poema de Camões convoca o olhar.

Rita Marnoto

OS LUSÍADAS

LUÍS DE CAMÕES

APOIO:



MUNICÍPIO DE
GUIMARÃES



ISBN 978-989-54340-9-1



9 789895 434091



ILUSTRADO POR:

AMANDA BAEZA
CAROLINA CELAS
CATARINA GOMES
INÊS MACHADO
JOANA ESTRELA
JOANA RÊGO
MADALENA MATOSO
MARIANA RIO
MARTA MADUREIRA
MARTA MONTEIRO

FAKTORIA



Universidade do Minho

OS LUSITANOS LUÍS DE CAMÕES

Introdução, atualização do texto e aparato
de Rita Marnoto

Universidade do Minho

Kalandraka Editora Portugal

4	Apresentação Rui Vieira de Castro
6	A Visibilidade de <i>Os Lusíadas</i>
24	Nota ao Texto
	<i>Os Lusíadas</i>
37	Canto I
69	Canto II
103	Canto III
145	Canto IV
177	Canto V
207	Canto VI
237	Canto VII
265	Canto VIII
295	Canto IX
325	Canto X
368	Tabela de Rimas
372	Biografia das Ilustradoras

Apresen

A missão e os objetivos da Universidade do Minho cumprem-se em projetos que promovem a educação superior nas dimensões ética, cultural, científica, artística, técnica e profissional, que alargam as fronteiras do conhecimento humano em todos os domínios científicos, que asseguram o desenvolvimento social e económico do país e da região e que fomentam o envolvimento da comunidade académica e das comunidades envolventes em práticas culturais.

Este último objetivo é concretizado através de ações regularmente promovidas pelas escolas e institutos e pelas unidades culturais e diferenciadas da Universidade, tendo ainda expressão em iniciativas de natureza institucional. No quadro da sua autonomia, a Universidade do Minho está fortemente comprometida com o desenvolvimento de políticas, programas e iniciativas na área da cultura e com a democratização do acesso aos bens culturais.

Neste âmbito se inscreve a atividade editorial da Universidade centrada na edição de obras da cultura e da literatura portuguesas, a que a criação recente da UMinho Editora veio conferir maior regularidade e mais ampla difusão.

Em 2004, por ocasião da celebração do seu 30º aniversário, a Universidade do Minho publicou uma edição *fac-simile* do exemplar da edição *princeps* de *Os Lusíadas*, de 1572, propriedade da Sociedade Martins Sarmiento, uma das principais instituições culturais de Guimarães.

No Prefácio àquela edição, o Professor Vítor Aguiar e Silva discute detalhadamente o “problema textológico da edição *princeps* de *Os Lusíadas*”; na secção com que encerra o Prefácio, o grande camonista e Prémio Camões 2020, considera que a iniciativa da publicação reitera o princípio de que “as universidades são instituições que devem preservar, difundir e enriquecer criativamente o património da cultura”, princípio, nota, “algumas vezes obscurecido nos tempos mercantilistas que correm”.

Esta nova edição de *Os Lusíadas* é devedora daquele entendimento da missão da Universidade. Interpreta-a de um modo que é distinto, mas complementar. Não se trata tanto, agora, de dar a conhecer uma “joia do património cultural da região”, mas antes de disponibilizar em português atual, e, por isso, a um número maior

tação

de potenciais leitores, que não apenas da comunidade universitária, a “obra máxima” de Luís de Camões, permitindo aceder a uma cosmovisão e ao espírito de um tempo, alargar o conhecimento do mundo e vivenciar experiências de linguagem. Na verdade, *Os Lusíadas* concretizam em elevado grau as potencialidades da língua portuguesa e são, em simultâneo, fator de reelaboração da língua que nos constitui e que é hoje património de uma vasta comunidade de países e de povos.

O facto de a obra que agora se publica tomar como referência o exemplar fac-similado na edição de 2004 e ocorrer no limiar dos 450 anos da edição *princeps* de *Os Lusíadas* corporiza um importante elemento de continuidade das políticas editoriais da Universidade e de concretização dos seus objetivos.

Quisemos que esta fosse uma edição diferente e de elevada qualidade. A fixação do texto é da responsabilidade da Professora Rita Marnoto, da Universidade de Coimbra, a quem agradecemos a disponibilidade e o rigor colocados na preparação do texto que esta edição acolhe, bem como o estudo introdutório – A Visibilidade de *Os Lusíadas* -, que explora as relações, que no Poema são estruturantes, entre a pintura e a poesia.

Correspondendo à expressão “programática” que esta articulação tem na epopeia e dando continuidade a uma prática presente na edição de diversos clássicos da literatura, esta é uma edição ilustrada, assente num diálogo interartes, que coloca em interação o texto camoniano e trabalhos de dez ilustradoras portuguesas contemporâneas. A Tiago Manuel agradecemos o entusiasmo e a qualidade colocados na direção artística deste projeto editorial.

Esta edição beneficiou, ainda, da colaboração frutuosa com a Kalandraka Editora e com a Câmara Municipal de Guimarães.

Aos leitores abre-se, pois, a possibilidade de uma nova *conversa* com *Os Lusíadas*, com uma das mais importantes expressões da literatura portuguesa e com um dos maiores cultores da língua portuguesa. Se tal se verificar, a Universidade do Minho cumprirá, uma vez mais, a sua missão indeclinável de valorização e de criação de condições de fruição generalizada do património cultural.

A Visibili

1.

Esta edição traz para os nossos dias o poema épico de Luís de Camões, *Os Lusíadas*, através de um diálogo entre literatura e artes visuais que é declinado no feminino. As ilustrações e o desenho gráfico devem-se a onze artistas contemporâneas, ao que se junta a edição do texto, num diálogo entre ver e dar a ler, entre ler e dar a ver.

A interação de literatura e artes visuais oferece possibilidades extraordinariamente fecundas e sempre em aberto. No caso de *Os Lusíadas*, o fascínio pela coalescência entre esses dois âmbitos tem raízes remotas no tempo. Não será por acaso que as grandes obras literárias são geralmente as que mais fascinam artistas de diversos campos, e o poema de Camões não é exceção. Contudo, *Os Lusíadas* vão muito para além de uma convivência que acrescenta à palavra a imagem. O poema de Camões convoca o olhar.

2.

Ler um livro começa por o ver, perscrutando a sequência de caracteres que formam as palavras e as frases dispostas nas suas páginas. A linguagem verbal escrita é apreendida através do olhar. Mas esse olhar é apenas o rastro de um outro olhar que leva a leitura e a interpretação por territórios mais fundos e intensos.

À visão dos caracteres, alinhados na página, um outro modo de ver se vem juntar. Da imagem da palavra escrita que os olhos veem, quando se lê passa-se à construção de uma outra imagem, também ela visual. É o que acontece quando o texto atravessa o espaço mental do leitor ou da leitora, para configurar a projeção interior que nele vai sendo estampada. As personagens ganham um vulto próprio, as paisagens vão-se conformando e os objetos ressaltam. Começamos então a ver cada quadro e cada cena, ilustrada na nossa mente, mais ou menos esbatida, com maior ou menor pormenor, a preto e branco ou a cores. Isso acontece porque a imaginação está a ler o texto, vendo-o. Para ler e para interpretar um livro, é também necessário, muito particularmente, vê-lo com os olhos fechados.

de Os

lidade

Contudo, personagens, tempos, espaços e ações não estão propriamente ali, em presença. Esses mesmos caracteres impressos irão desencadear uma outra visão, a visão do que está ausente e não se pode ver com os olhos abertos. Só a fantasia o pode ver, através de imagens concebidas na mente e projetadas no véu que oculta e desvenda os seres e as coisas, potencial e instigante.

A essa capacidade de figurar visões interiores com os olhos fechados, pensando por imagens, chamou Italo Calvino Visibilidade:

Se incluí a Visibilidade na minha lista de valores a salvar é para advertir do perigo que corremos de perder uma faculdade humana fundamental: o poder de focar visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas a partir de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros numa página branca, de *pensar por imagens*. Penso numa possível pedagogia da imaginação que habitue cada um a controlar a sua própria visão interior sem a sufocar e por outro lado sem a deixar cair num confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem numa forma bem definida, memorável, autossuficiente e «icástica».

(Calvino 1998: 112)

O ensaio que Italo Calvino dedicou à Visibilidade faz parte da série de conferências que preparou, a convite da Universidade de Harvard, para apresentar às *Poetry Lectures Charles Eliot Norton* do ano académico de 1985-1986. Tinha dedicado esse ciclo a um conjunto de valores ou qualidades de fundo que importaria preservar, na literatura e em todo o campo cultural, quando um novo milénio estava prestes a começar. *Six memos for the next millennium* — era o título inglês dessa série de conferências que não chegou a ser proferida, dado que o escritor faleceu inesperadamente no verão de 1985.

Lusíadas

Com efeito, a Visibilidade, entendida como capacidade de pensar por imagens mentais, é uma das mais altas faculdades do ser humano, dotada de extraordinárias virtualidades cognoscitivas e, como tal, criadoras. Põe em ação a imaginação interior, que vê com os olhos fechados, construindo novas visões em potência. Essas representações nada têm de falseador, na medida em que se desenvolvem a partir de dados que fazem parte de uma memória experiencial e intelectual, assente em vivências, factos, coisas e saberes, dotados de incidência científica e antropológica. Por um lado, a sua montagem e a sua combinação requerem um método que as hierarquize, as organize e lhes dê sentido como um todo, o que conforma e fortalece o encontro com a interioridade. Por outro lado, as figurações mentais, ao reproduzirem e reelaborarem a experiência e o saber já detidos, geram novos interesses práticos e um novo conhecimento. Desse modo, a cristalização do respectivo carácter «icástico» convoca simbolismos que, nas suas configurações individuais ou de época, potenciam um outro nível de conhecimento, de índole estética.

3.

Há livros que convocam e que captam mais intensamente a Visibilidade de quem os lê. *Os Lusíadas* é um deles. Aliás, a coalescência entre palavra, materialmente registada, e imagem visual, focada pela mente, encontrava-se bem viva no horizonte de ideias de Luís de Camões, quando escrevia o seu poema épico. É o próprio texto a dizê-lo.

Os caracteres alfabéticos negros, impressos sobre a página branca, são como que a fonte de luz a partir da qual se projetam a largada da frota, as diversas fases do itinerário de Vasco da Gama, a chegada à Índia, o desembarque na ilha de Vénus e, paralelamente, grandes momentos da história de Portugal, tanto anteriores como posteriores à viagem. Cenas de batalha, intrigas dos deuses, experiências de navegação oceânica, rasgos de heroísmo e momentos de deleite desfilam pela mente de quem lê como imagens visuais, umas a seguir às outras, de acordo com a fantasia de cada um ou de cada uma, numa envolvência que suscita adesão e desperta deslumbramento.

A cultura de Camões era vastíssima, mas apesar de todas as pesquisas a esse propósito realizadas muito há ainda a investigar, dada a extensão do campo em apreço. O poeta dominava territórios extremamente amplos, que abrangiam várias

épocas, percorrendo múltiplas áreas do saber, da literatura à botânica, da navegação às artes. Nesse âmbito, a coalescência entre literatura e aquilo que hoje se designa como artes visuais foi um tema que mereceu uma atenção específica a Camões. Não deixam dúvidas, nesse plano, várias referências explicitamente contidas nas próprias estâncias de *Os Lusíadas*.

Desde já há que sublinhar o facto de o poeta, nos passos que irei explorar, não privilegiar apenas um dos polos, isto é, ou literatura, ou artes visuais. Diferentemente, incide com grande argúcia sobre a reciprocidade dos termos dessa ligação. Em seu entender, tal como a poesia é pintura, também a pintura é poesia.

No décimo canto, a ninfa Tétis, depois de mostrar a Vasco da Gama a máquina do mundo, põe a descoberto o carácter fictício das divindades pagãs que tinham vindo a animar a narração, o que também a envolve, a ela mesma, enquanto ser mitológico. Se tudo o que o poeta escreve é fruto da sua criação ficcional, o plano da mitologia é-o por excelência. Com efeito, já o censor da primeira edição de *Os Lusíadas*, frei Bartolomeu Ferreira, advertia os leitores e as leitoras que os deuses gentios eram «poesia e fingimento». Na estância que Luís de Camões coloca na boca da ninfa, fica pois contida uma reflexão acerca da criação literária e das suas modalidades, através da qual o poeta tende a explanar o seu ponto de vista acerca da imaginação literária, que para ele é eminentemente visual.

A ideia que expõe é a de que a poesia é como a pintura que dá nomes aos seres e às coisas:

Quer logo aqui a pintura que varia,
agora deleitando, ora ensinando,
dar-lhes nomes que a antiga poesia
a seus deuses já dera, fabulando.
Que os anjos de celeste companhia
deuses o sacro verso está chamando,
nem nega que esse nome preeminente
também aos maus se dá, mas falsamente.

(*Lus.* 10. 84)

A poesia é pintura que dá nomes. Nessa dialética, ambas as artes são igualmente valorizadas, à margem de uma hierarquia. No tempo de Camões, a superioridade

Os Lusíadas de Luís de Camões

com privilégio real, impressos em Lisboa,
com licença da Santa Inquisição e do Ordinário,
em casa de António Gonçalves Impressor.

1572

- As armas e os barões assinalados 1
que da ocidental praia lusitana,
por mares nunca de antes navegados,
passaram ainda além da Taprobana,
em perigos e guerras esforçados
mais do que prometia a força humana,
e entre gente remota edificaram
novo reino, que tanto sublimaram;
- e também as memórias gloriosas 2
daqueles reis que foram dilatando
a fé, o império, e as terras viciosas
de África e de Ásia andaram devastando;
e aqueles que por obras valorosas
se vão da lei da morte libertando,
cantando espalharei por toda parte,
se a tanto me ajudar o engenho e arte.
- Cessem do sábio grego e do troiano 3
as navegações grandes que fizeram;
cale-se de Alexandre e de Trajano
a fama das vitórias que tiveram,
que eu canto o peito ilustre lusitano,
a quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
que outro valor mais alto se alevanta.
- E vós, Tágides minhas, pois criado 4
tendes em mim um novo engenho ardente,
se sempre em verso humilde celebrado
foi de mim vosso rio alegremente,
dai-me agora um som alto e sublimado,
um estilo grandíloquo e corrente,
por que de vossas águas Febo ordene
que não tenham inveja às de Hipocrene;

Título: *Os Lusíadas*

Introdução, atualização do texto e aparato de Rita Marnoto
Edição que toma como referência o exemplar da *princeps* de *Os Lusíadas*
(Lisboa, António Gonçalves, 1572) pertencente à Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães

Apresentação: Rui Vieira de Castro, Reitor da Universidade do Minho

Projeto e Direção Artística: Tiago Manuel

Direção Literária: Rita Marnoto, Universidade de Coimbra

Município de Guimarães: cedência à reprodução na obra das ilustrações de
Amanda Baeza, Carolina Celas, Catarina Gomes, Inês Machado, Joana Estrela,
Joana Rêgo, Madalena Matoso, Mariana Rio, Marta Madureira e Marta Monteiro

Direção Editorial: Margarida Noronha

Design Gráfico: Joana Pires

Coordenação e Produção: Rui Bandeira Ramos, MOTOR - Produção Cultural,
Cooperativa de Responsabilidade Limitada (CRL)

Coedição: Universidade do Minho / UMinho Editora
e Faktoria K, uma chancela da Kalandraka Editora Portugal
em parceria com o Município de Guimarães
e integrada na BIG - Bienal de Ilustração de Guimarães

Tiragem: 1200 exemplares

Depósito legal: 488026/21

ISBN: 978-989-8974-47-1 (UMinho Editora)

ISBN: 978-989-54340-9-1 (Kalandraka Editora Portugal)

Agradecimentos: Jorge Silva, Jorge Nesbitt, Daniel Lima e João Paulo Cotrim.

2021